



Vozes femininas no rádio: relações de gênero, locução e audiência¹

Thays Renata Poletto²

Milena Luiza Poletto³

Faculdades Integradas do Brasil, Curitiba, PR

Faculdades Integradas Curitiba, Curitiba, PR

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Esta pesquisa investiga questões de gênero em relação à locução e recepção femininas de rádio. O trabalho baseia-se numa pesquisa realizada com mulheres que possuem o hábito de ouvir rádio e têm o lar como espaço de maior ou constante permanência. Elas foram escolhidas principalmente por possuírem condições para ouvir programas de rádio e por sua relação com a casa, um ambiente cultural e historicamente considerado “natural” para a mulher. A investigação também volta-se para a presença feminina na emissão de programas de rádio, a história da locução feminina no rádio, o desenvolvimento da linguagem no homem e na mulher e habilidades ligadas a esta questão, discursos expostos e implícitos e seus significados na construção simbólica da relação homem-mulher.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; gênero; locução; comunicação; feminismo.

Participação feminina e resgate histórico

O tema deste trabalho é a relação da mulher com o rádio, tanto como produtora quanto como consumidora de mensagens. Percebe-se que a participação masculina no veículo é marcante desde as primeiras experiências. Sobre a participação feminina, no entanto, os registros são muito menos frequentes e a maioria deles ocupa-se mais de cantoras e radioatrizes⁴ que de locutoras.

Os poucos registros sobre a mulher e o rádio indicam a reduzida participação feminina no veículo. Mata confirma essa situação: há predominância masculina em 68% dos cargos em rádios latino-americanas e em 71% dos cargos de locutor (in Alfaro,

¹ Trabalho apresentado no NP Rádio e Mídia Sonora do VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Comunicação Social das Faculdades Integradas do Brasil (UniBrasil) e das Faculdades Integradas Curitiba (UniCuritiba), email: tpoletto@gmail.com

³ Formanda do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), email: milenapoletto@hotmail.com.br

⁴ Na música, destacam-se nomes como Carmem Miranda, Emilinha Borba, Marlene, Ângela Maria, Dalva de Oliveira. No radioteatro, os nomes são menos conhecidos, mas há registros sobre Cordélia Ferreira (considerada a primeira radioatriz), Ivani Ribeiro, Janete Clair e outras (Tavares, 1999).



1997, p. 71). Ivanike repetiu a constatação em 1999 em Curitiba: 87,23% dos cargos de locutores eram ocupados por homens. Em maio de 2005, outro levantamento⁵ realizado em Curitiba junto a 11 emissoras de rádio demonstrou que apenas cinco delas possuíam locutoras, num total de seis funcionárias nesta função. Em 70% das entrevistas, o motivo dado pelos entrevistados para a maior presença de homens foi a suposta⁶ preferência dos ouvintes pela voz masculina.

Podemos considerar que um dos motivos para a reduzida presença da mulher no rádio é a idéia de que à mulher foram/são destinadas as preocupações com o lar e a família, conforme condições históricas, sociais e culturais. Refletem-se assim, na presença ou ausência de vozes masculinas e femininas a construção de representações de gênero e as relações sociais de poder. Conforme Louro,

ao aceitarmos que a construção do gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança. Isso supõe que as identidades de gênero estão continuamente se transformando (Louro, 1997, p. 35)

Nesse sentido, a participação (ou não) da mulher no rádio reproduz sua atuação na sociedade e juntam-se aí os estereótipos, a questão da identidade e dos papéis⁷ convencionados ao homem e à mulher - que até recentemente tinha direitos reduzidos: “apenas em 1961 foi modificada a legislação que comparava as mulheres aos índios, crianças e doentes mentais” (Morgado, 1987, p. 4).

Outra questão importante é o preconceito sofrido pelas mulheres radialistas, especialmente no início das transmissões. Nivalda Severo afirma que “a mulher que trabalhava no rádio não era bem vista” e, assim, era comum a adoção de pseudônimos (*apud* Medeiros e Vieira, 1999, p. 96). Tavares também registra o preconceito num texto de agradecimento às primeiras locutoras, falando da “coragem que tiveram (...) já que os tempos eram outros, onde a mulher era olhada como simples objeto, relegada a

⁵ Inicialmente, desejou-se realizar o levantamento apenas com as 10 rádios mais ouvidas na cidade. No entanto, constatou-se que a mostra ficaria muito reduzida pela falta de disposição das rádios em fornecer os dados. Foram, então, consultadas 30 rádios instaladas em Curitiba, seguindo como critério a audiência (as 30 mais ouvidas) e a disposição em participar do levantamento. Mesmo assim, apenas 11 emissoras afirmaram ter condições de responder corretamente à pesquisa. O estudo foi realizado através de aplicação direta de questionário estruturado a pessoas da área de recursos humanos, comercial ou outra que pudesse responder sobre a presença de locutores ou locutoras na rádio e sobre a motivação da contratação de homens ou mulheres para a locução. Do levantamento participaram as rádios: 98 FM, Band, Banda B, Caiobá, Capital, CBN, Colombo, Cultura do Paraná, Jovem Pan, Rádio Rock, Transamérica.

⁶ Nenhuma das emissoras havia realizado pesquisa sobre o assunto.

⁷ Segundo Louro (1997, p. 24) papéis são “padrões ou regras arbitrarias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas”.



um segundo plano, principalmente num veículo formador de opinião” (Tavares, 1999, p. 111). O autor cita ainda Sarita Campos, que criou o primeiro programa voltado para mulheres onde eram dados conselhos e receitas (Tavares, 1999, p. 113).

Embora a participação da mulher no rádio tenha sido sempre menor em relação à participação masculina, já a primeira emissora oficial no Brasil abria espaço para a mulher. Criada a partir dos esforços de radioamadores aficionados e do cientista Edgard Roquette-Pinto, membro da Academia Brasileira de Ciências, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro⁸ surgiu em 1923 e deu à Maria Beatriz Roquette-Pinto a oportunidade de participar da programação. Filha de Roquette-Pinto, Maria Beatriz participou da programação por sugestão do pai e atuou apenas no primeiro ano de funcionamento da Rádio (Tavares, 1999, p. 108). Além de Beatriz, outras mulheres trabalharam como locutoras no início do rádio. São citadas Zenaide Andréa e Elizabeth Darcy (pseudônimo de Natália Peres), ambas da Rádio Record de São Paulo, Virgínia de Moraes - cujo nome era Ana Virgínia Pereira Lima (Rodrigues, 2005) -, Maria de Lourdes Souza Andrade e Íris Litieri (Tavares, 1999, p. 110). Há um momento especial para a presença da mulher no rádio, no entanto. É o concurso Rainha do Rádio, cuja primeira edição foi vencida por Linda Baptista (cujo nome era Florinda de Oliveira), em 1937 (Tavares, 1999, p. 124).

No Paraná, dois nomes são apontados para a primeira locutora feminina: Rodrigues (2005) e Tavares (1999, p. 108) afirmam ser Diva Ayres de Moraes, da Rádio Difusora de Ponta Grossa, e Lustosa (2005) registra Alice Xavier, da Rádio Clube Paranaense. O papel de Alice e de seu companheiro de locução, Ênio Marques Viana, era anunciar as músicas solicitadas pelos ouvintes.

As emissoras de rádio não demoraram a perceber a importância das mulheres no consumo dos discursos radiofônicos. Como diz Mata “se há uma imagem facilmente associada à da dona-de-casa é a imagem de uma rádio ligada, acompanhando as tarefas do lar, sem culpa, porque essa companhia não atrapalha o trabalho doméstico” (apud Alfaro, 1997, p. 19). Assim, programas de auditório e radionovelas vão ganhando espaço porque mantêm audiência constante e fiel, ingrediente essencial para a

⁸ Segundo Castro (1996: 10) já eram realizadas transmissões radiofônicas no Brasil antes da fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro: muitas pessoas no país estavam “construindo seus próprios aparelhos e comunicando-se entre si no Rio, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco”. O autor comenta que as transmissões eram, no entanto, uma “audição de surdos” porque eram poucos os aparelhos receptores. Também Ferraretto (2001: 95) registra outras transmissões, informando que no Recife já havia sido fundada a Rádio Sociedade de Pernambuco, em 6 de abril de 1919. Mas, como as transmissões não eram regulares, oficialmente a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro é considerada a primeira emissora do Brasil.



sobrevivência econômica dos programas e das emissoras. A primeira radionovela, “Em busca da felicidade”⁹, foi importada de Cuba pela agência de propaganda *Standart*, na época, responsável pela conta da Colgate-Palmolive no Brasil. A *Standart* “via no rádio um excelente veículo para alcançar as donas de casa” (Ferraretto, 2001, p. 119)¹⁰. As radionovelas alcançaram grande aceitação entre as ouvintes e reproduziam as idéias e valores sociais conservadores da época, levando para as emissões radiofônicas uma realidade social ideal. Floriano Faissal, no Anuário do Rádio de 1956, declara que as radionovelas da Nacional eram “sempre de qualidade” e nelas eram proibidos textos ou palavras negativas, destrutivas ou indignas como a palavra “amante” (*apud* Saroldi, 1989, p. 17). Sobre a escolha de palavras e de temas para o rádio feito pela/para a mulher é interessante observar o que diz Mata:

Todo fato comunicativo – e, por conseguinte, o fato radiofônico – é um fato de linguagem. Quer dizer: uma prática de produção de sentido sujeita a normas, condições e hábitos culturais, ou seja, não naturais nem imutáveis, mas em todos os casos e em qualquer circunstância fruto de um certo desenvolvimento histórico-social que tampouco é neutro. Nele se faz evidente a marca do poder nas suas diversas expressões materiais e simbólicas e, conseqüentemente, todas as formas de hierarquização e disciplinamento social. Nesse sentido, nenhum fato comunicativo – como nenhum fenômeno cultural – pode ser pensado produtivamente se for deixada de lado a ‘perspectiva de gênero’, esse ponto de vista que de maneira permanente e intencional trata de incluir como aspecto-chave da análise a diferença historicamente estabelecida entre homens e mulheres no campo da linguagem (Mata *apud* Alfaro, 1997, p. 23)

Por conta das questões de linguagem, tratamento de conteúdo, interesses e comportamento, por vezes o rádio também apostou na idéia de mulheres falando para mulheres. A intenção era que a ouvinte se sentisse compreendida pela locutora, estabelecesse uma relação de amizade e/ou visse sua imagem “refletida” na imagem da apresentadora. Rodrigues lembra a preocupação da Rádio Cruzeiro do Sul em colocar uma mulher conversando com as ouvintes:

A Rádio Cruzeiro do Sul - PRB-6, em 1932, promoveu um concurso buscando encontrar uma voz feminina que desse um colorido às suas transmissões, especialmente para o programa ‘Hora das Donas de Casa’; a vencedora do concurso foi Maria de Lourdes Souza Andrade, a

⁹ A radionovela “Em busca da felicidade” foi ao ar em 1.º de junho de 1941 pela Rádio Nacional.

¹⁰ Foi prometido às ouvintes da radionovelas que seriam distribuídos fotos e resumo do programa a quem enviasse um rótulo Colgate para a Rádio Nacional. Só no primeiro mês chegaram 48 mil rótulos. Como havia indícios de que o envio de rótulos poderia aumentar, a promoção foi suspensa.



terceira mulher em São Paulo a desempenhar as funções de locutora (Rodrigues, 2005).

Encontramos ainda o caso da Rádio Alfa, de São Paulo, que só operava com vozes femininas.

Na época, como acontece hoje ainda, a oportunidade de falar no rádio surgia casualmente, sem a exigência de preparo técnico. No passado, boa voz era importante, mas também era necessário que o locutor tivesse “notável conhecimento” para dar as palestras exigidas pela programação elitizada da Rádio Sociedade (Piovesan, 1986, p. 53). Com o tempo, mais convites foram sendo feitos para pessoas consideradas “portadoras de voz sobrenatural ou com dom divino para falar” (Behlau e Navarro *in* Behlau, 2001, p. 58), mesmo sem o “notável conhecimento”.

A locução passou a ser mais valorizada a partir da popularização dos programas radiofônicos nos anos 30¹¹, com a regulamentação da propaganda e o barateamento dos aparelhos de rádio. Aí surgiram rádios como a Record, fundada em 1931 em São Paulo, primeira emissora idealizada como empresa “em busca do lucro”. A Record tinha funcionários fixos e pagava salários, ao invés do costumeiro cachê pago pelas outras emissoras. Ortriwano (1987, p. 17) afirma que, “a partir daí, começa a corrida e as grandes emissoras contratam a peso de ouro astros populares e orquestras filarmônicas”.

Este fato ajudou a valorizar o trabalho dos locutores, que, no entanto, só tiveram sua profissão regulamentada em 1978, com a Lei 6.615. Behlau e Navarro, afirmam que o locutor é “um profissional da voz que usa esta característica humana na sua forma estética” (apud Behlau, 2001, p. 58). Segundo Ivanike, a locução é um modo diferente de falar, ler, conversar e “cabe ao locutor radialista captar e transmitir, por sua voz, o estilo da programação, tornando-se o elo de ligação entre a emissora e o ouvinte e um dos responsáveis pela audiência” (1999, p. 4).

O padrão predominante de locução das rádios no Brasil dos anos 30 até os anos 90 é o da voz grave. Este tipo de voz grave era mesmo necessário: se estudarmos a evolução da tecnologia para captação e transmissão do som, verificaremos que hoje ela nos permite a captação, transmissão e recepção de vozes suaves e baixas, o que era impossível ou muito mais difícil nos primeiros tempos.

¹¹ Até os anos 30 os locutores “faziam comerciais, anunciavam a emissora, apresentavam programas e liam crônicas literárias” (Civita *apud* Behlau, 2001, p. 58).



Linguagem e voz

Se há questões culturais que podem explicar a pouca participação feminina no rádio, o mesmo não ocorre com relação ao desenvolvimento e às habilidades da linguagem na mulher, já que nelas pode ser percebida uma maior habilidade explicada com base nas diferenças entre o cérebro da mulher e do homem. Nas mulheres, algumas regiões cerebrais relacionadas à linguagem são mais desenvolvidas do que nos homens. Segundo Sabbatini,

duas áreas nos lobos frontais e temporais relacionados à linguagem (conhecidos como Broca e Wernicke) são significativamente maiores nas mulheres, fornecendo assim um motivo biológico para a notória superioridade mental das mulheres relacionada à linguagem (Sabbatini, 2005).

Além dessa diferença nos lobos frontais e temporais, Lent (2001, p. 512-513), Hausmann (2005, p. 40-45) e Sabbatini (2005) afirmam que o hipotálamo é uma das regiões cerebrais que se diferencia de acordo com o sexo. O hipotálamo é uma região cerebral cujas funções estão relacionadas com a manutenção do equilíbrio do organismo; dentre estas funções está também o controle hormonal. Segundo Kraft (2005, p. 40), o hormônio feminino conhecido como estrogênio estimula a formação de novos espinhos dendríticos, que são responsáveis pelas transmissões de informações entre neurônios (transmissões sinápticas). Nas mulheres, devido à presença maior desse hormônio, a conexão entre os neurônios é mais acelerada. Conexões mais rápidas permitiriam, então, processos mais velozes de compreensão, comunicação e atenção, contribuindo para o uso mais rápido e eficiente da linguagem.

A questão hormonal, porém, também está ligada a dificuldades com relação à locução. Ramos, por exemplo, em pesquisa sobre o estilo oral de locutores descartou as mulheres de seu estudo porque “a mudança da voz em relação à diminuição da frequência fundamental e a presença de aspereza são comuns entre as mulheres devido à variação de hormônios” (apud Ferreira, 1998, p. 79).

Embora ainda não comprovada cientificamente, há uma hipótese de que a habilidade das mulheres com a linguagem tenha se desenvolvido por conta das atividades que elas realizavam nas comunidades primitivas. Enquanto os homens primitivos caçavam, elas ficavam juntas cuidando das crianças e realizando tarefas motoras finas, como procurar alimentos e fabricar roupas. Assim, tinham uma maior



interação social e talvez devido a esse fato “tenham desenvolvido também maiores capacidades de linguagem” (Kolb e Whisham, 2002, p. 61).

Há, no entanto, um aspecto fisiológico a se considerar com relação à fala e que interfere na questão da locução: mulheres normalmente possuem tons mais agudos que os homens em sua fala (Ivanike, 1999, p. 4-8). Rodero (2004) constatou a preferência de ouvintes por locutores de tons mais graves (geralmente homens) e Behlau (2001, p. 64). explica que, para a sociedade atual, atraente é a voz grave, com baixo *pitch*¹².

Assim, se entre as mulheres a capacidade referente à linguagem parece ser maior em relação aos homens, a produção da voz¹³ parece ser um fator importante a se considerar com relação à preferência da audição de tons mais graves. A produção de voz mais grave nos homens está associada a questões físicas como o comprimento da laringe, que no adulto tem geralmente 5 centímetros, sendo “pouco maior nos homens que nas mulheres, fato este justificado pelo crescimento mais acelerado da laringe após a puberdade” (Ivanike, 1999, p. 4). A laringe é um órgão fundamental quando se pensa em voz, pois é responsável pela geração do tom, “que dá o sopro puro, o qual é modificado, na voz, por várias câmaras de ressonância situadas acima e abaixo dela” (Ivanike, 1999, p. 7). As pregas vocais, que unidas produzem as vibrações que irão resultar no som da voz, também diferem entre os sexos e têm relação com o timbre de voz:

é o comprimento, a resistência e a massa das pregas que determinam suas vibrações. Quando mais houver vibrações, mais modificações haverá na voz. As longas pregas dos homens, ou maior quantidade de massa, produzem uma voz mais grave. As pregas mais curtas, ou de menor quantidade de massa, produzem uma voz mais aguda (Ivanike, 1999, p. 8).

Há ainda várias outras diferenças. Uma delas está nas duas lâminas da cartilagem tireóide: o “ângulo formado por essas duas lâminas é reto nos homens e pouco maior nas mulheres” (Ivanike, 1999, p. 5). Além da laringe, influem também a formação da boca, nariz, faringe, lábios e narinas na projeção e trato vocal.

No entanto, não só o gênero determina o tipo de voz. Idade, anatomia, fatores emocionais e culturais podem causar interferências na produção da voz. Todos esses elementos levam o ouvinte a criar imagens mentais sobre o locutor, estabelecendo para o falante uma identificação em termos de sexo, idade, aparência, origem, emoção,

¹² O *pitch* é a variação nas frequências de cada som. A variação do *pitch* é que permite a distinção entre os sons e a classificação em frequências graves, médias ou agudas.

¹³ “A voz pode ser considerada uma expiração sonorizada” (Ivanike, 1999, p. 7).

caráter e nível social. “A voz é o equilíbrio entre duas forças: o ar que sai dos pulmões e a força muscular” (Ivanike, 1999, p. 9). Para Jakubovicz, sempre que houver equilíbrio entre essas duas forças haverá boa voz (apud Ivanike, 1999, p. 9).

Preferências em relação à voz e ao sexo do locutor

Para investigar a resposta dada pelas emissoras sobre a suposta preferência dos ouvintes pela voz grave e para refletir sobre a afirmação de Behlau (2001, p. 64) - de que hoje a sociedade valoriza mais a voz grave - foi realizada uma pesquisa em 2005 em Curitiba, Paraná (Brasil). Foram entrevistadas 25 mulheres, donas de casa ou empregadas domésticas, ouvintes de rádio, moradoras de Curitiba e Região Metropolitana¹⁴. Este público foi escolhido, entre outros motivos, por possuir condições para ouvir rádio e por sua relação com a casa, um ambiente cultural e historicamente considerado “natural” para a mulher. Se como locutoras as mulheres não são maioria, como ouvintes, porém, a participação é fiel. Medeiros (1998, p. 39-53) e Ferraretto (2001, p. 119) confirmam a audiência feminina desde os primórdios do rádio, citando especialmente as donas de casa. Assim, elas foram escolhidas para ajudar a entender a afirmação sobre a suposta preferência da voz masculina pelos ouvintes como motivo para a maior presença de homens na função de locutor.

Entre as entrevistadas, 80% tinham mais de 30 anos, 16% estavam entre os 20 e 30 anos e 4% tinham entre 15 a 20 anos. Declararam-se analfabetas 20% delas; 32% disseram ter frequentado a escola por até dois anos. Outras 20% foram à escola por até 5 anos, 12% frequentaram os bancos escolares por até 8 anos e 16% foram à escola por mais de 9 anos. A maioria (64%) disse ouvir rádio todos os dias. Sobre o horário em que ouviam rádio, 40,7% delas apontaram o período entre 14 e 18 horas como o mais ouvido; 37,5% voltaram-se para o período entre 6 e 13 horas; 18,6% disseram ouvir a partir das 19 horas e/ou durante a madrugada e 3,2% não souberam dizer em que momento ouviam rádio¹⁵.

¹⁴ Para pesquisar a questão da preferência em relação à locução radiofônica foram distribuídos 150 questionários semi-estruturados (com 7 perguntas abertas e 11 fechadas) a donas de casa de entre o dia 12 de maio e o dia 8 de junho de 2005. Deste total, apenas os 25 questionários preenchidos com auxílio do entrevistador puderam ser aproveitados. O restante dos formulários, levado pelas mulheres para responder em casa, não retornou ou foi preenchido incorretamente.

¹⁵ A divisão de horários foi estabelecida de acordo com a audiência de rádio, sendo que o período matutino no rádio é o de maior audiência. A marcação da tarde foi estendida até às 18 horas por conta da entrada obrigatória do programa “A Voz do Brasil”, do governo federal, às 19 horas. A audiência de rádio diminui sensivelmente a partir desse horário – também influenciada pelas telenovelas e outros programas de televisão. Os horários a partir das 19 horas e na madrugada são períodos em que a dona de casa, normalmente, já não está realizando seus afazeres domésticos.



Entre as entrevistadas, 96% possuem uma emissora preferida. Quando inquiridas sobre a emissora de sua preferência, apareceram respostas variadas, tendo sido mais citadas as emissoras Clube FM e Caiobá FM (com 13,3% das indicações cada), seguidas pela Banda B AM e Educativa¹⁶ (cada uma com 10% das respostas). Também foram lembradas as rádios CBN, Ouro Verde, Rádio Globo AM e Transamérica (cada uma com 6,6% das respostas). Ainda foram citadas outras rádios, cada uma por um sujeito apenas: 102 FM, Band FM, FM 94, Jovem Pan, Novo Tempo, Rádio Clube AM, Rede Aleluia - 88.5 FM e Tupi AM¹⁷. Do total de rádios citadas, 12 operam em frequência modulada (FM) e 4 em amplitude modulada (AM)¹⁸. Quando tentaram justificar os motivos para a preferência de uma emissora ou outra, 42,4% destacaram as músicas tocadas, 30,7% citaram as notícias ou informações veiculadas, 7,6% disseram ser o fato de a emissora ter poucos intervalos comerciais e 19,2% das respostas destacaram outros motivos.

Sobre a preferência por algum programa, 52% das mulheres confirmaram ter um programa preferido. Foram muitos os programas citados¹⁹. Apenas o programa “Renato Gaúcho”, da Rádio Caiobá FM, recebeu mais de um voto. O restante dos programas citados recebeu somente uma indicação cada. Foi pedido às entrevistadas que justificassem suas preferências em relação aos programas: 61,5% deram respostas ligadas ao conteúdo do mesmo, 23% citaram o locutor e 7,6% responderam preferir o programa por causa do sorteio de brindes. O restante não respondeu. Também foi perguntado há quanto tempo as mulheres ouviam o programa preferido: 69,2% ouviam o programa indicado por mais de um ano, 15,2% afirmaram ouvir o programa há mais de 10 anos, 8% disseram ouvi-lo há 3 anos e outros 7,6% declararam estar ouvindo o programa entre 1 ano e 6 meses. Todas as afirmativas acima de um ano de audiência eram de mulheres com mais de trinta anos e a maioria delas vinha de mulheres com baixa escolaridade. Às entrevistadas foi perguntado o que chamava sua atenção no programa preferido. Dentre as respostas, 45,4% indicaram ser os assuntos, 27,3% voltaram-se para a locução e outros 27,3% citaram as músicas. Entre os sujeitos que responderam preferir a locução estavam ouvintes da Band FM, Banda B AM, Caiobá

¹⁶ Não foi possível saber se as entrevistadas falavam da Rádio Educativa AM ou da Educativa FM. Assim, foram consideradas as duas frequências.

¹⁷ A sede desta rádio está localizada em São Paulo, mas por ser uma emissora AM considerou-se que a entrevistada pudesse realmente ouvi-la.

¹⁸ A FM garante mais qualidade sonora, no entanto, tem um raio de alcance mais curto que a AM.

¹⁹ Foram citados os programas: As 10 mais da semana (FM 94), Da família (Rede Aleluia - 88.5 FM), Nascimento (Clube FM), Globo (Rádio Globo), Mensagem cantada (Tupi AM), Momento de fé (Rádio Globo e CBN), Sintonia Brasil (Educativa), Tarde total (Banda B AM).



FM, Clube FM, FM 88.5. O formulário também trazia uma pergunta sobre o sexo do locutor do programa preferido: 70% eram homens, 20% têm narração mista, feita por um homem e uma mulher, e 10% eram mulheres.

Também foi perguntado sobre a preferência pessoal delas a respeito da locução. A maioria (60,9%) disse preferir a locução masculina²⁰, 21,8% disseram preferir a locução mista e 17,3% afirmaram não ter preferência. Não houve indicação de preferência para a locução feminina.

Quando questionadas sobre a preferência pela locução masculina, 46,6% das respostas fizeram afirmações ligadas à voz, e as entrevistadas diziam, por exemplo, que sua escolha se dava “porque a voz [masculina] toca mais fundo dentro da gente”, porque a voz masculina é “grossa”, “firme”, “bonita”. Outras 46,6% das respostas relacionavam-se com a competência para o trabalho e diziam que homens fazem locuções melhores porque, por exemplo, “têm mais jeito pra coisa”, “são mais descontraídos”, “explicam melhor”. Dentre as entrevistadas, 6,8% não responderam. Apenas uma entrevistada afirmou preferir locução masculina por não gostar de “locução de mulher”. A preferência pela locução mista foi justificada pela questão do dinamismo. Entre as entrevistadas que disseram não ter preferência em relação ao sexo do locutor, foi apontada a importância do conteúdo, independente do sexo (20%) e a importância de ter boa voz, também independente do sexo (60%). Outras 20% não justificaram a escolha.

A preferência pela locução masculina por 60,9% das entrevistadas pode estar ligada ao padrão predominante no rádio desde os anos 30 até os anos 90, que é o da voz grave. Quando lembramos da evolução tecnológica para captação e transmissão do som, entendemos que a voz mais grave, no início, era não só uma questão de agradar aos ouvintes, mas de possibilitar a própria transmissão. A preferência pela locução masculina, no entanto, pode ter outras motivações. Hermosilla, Camacho e Mata explicam que na Venezuela as ouvintes não preferem locuções femininas porque se sentem inferiores em relação às locutoras (apud Alfaro, 1997, p. 40).

Desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, então, significaria problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o pólo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa; implicaria

²⁰ As mulheres que indicaram preferir a locução masculina haviam se declarado ouvinte das rádios Band FM, Banda B AM, Caiobá FM, Clube FM e Ouro Verde. Em todas elas, apenas homens eram locutores e havia reduzidíssima participação de repórteres mulheres apenas em programas informativos.



também perceber que cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido (afinal, não existe a mulher, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si; e podem não ser solidárias, cúmplices ou opositoras) (Louro, 1997, p. 31-32).

O mesmo autor ainda lembra que há uma questão de identidade com relação à atuação social do homem e da mulher e que uma troca de papéis, mesmo simbólica, pode provocar “terror em relação à perda do gênero” (Louro, 1997, p. 28). Bravo (*apud* Rodero, 2004), demonstra que as entrevistadas podem estar apontando sua preferência por locutores homens apenas porque a voz mais grave (frequentemente masculina, mas não exclusivamente) é geralmente a que mais agrada a todos os ouvintes, homens ou mulheres. Sobre isto, Mata também faz comentário:

A trajetória que faz do lar e do mundo privado o “reino” da mulher, e que vai desde a Antiguidade até a instauração da sociedade capitalista burguesa, é inseparável daquela que transforma a linguagem feminina em íntima e doméstica, afetiva e prática, em contraposição com o discurso racional, público e especulativo, que se diz próprio do homem (Mata *apud* Alfaro, 1997, p. 26).

Para compreender a preferência das ouvintes pelo programa Renato Gaúcho, o único citado por mais de uma ouvinte, foram acompanhadas transmissões de 13 a 17 de junho de 2005. O programa traz músicas populares, horóscopo, pensamentos, notícias, comerciais e um quadro dramatizado (“A música da minha vida”). O quadro traz uma leitura interpretada de histórias cujo principal tema é o amor e foi citado pelas entrevistadas como o motivo de sua preferência pelo programa. Nele, o locutor faz a narrativa de uma história (onde por vezes é narrador e por vezes interpreta personagens). No final, toca-se uma música relacionada à história. O locutor afirma que o quadro é de cartas enviadas por ouvintes, mas acredita-se, pela estrutura dramatizada das histórias, que elas são roteirizadas ou, pelo menos, reescritas antes de irem ao ar. Além da carta, há ainda a leitura de mensagens de ouvintes num quadro sobre os aniversariantes do dia. Esses dois quadros são os únicos em que há participação (indireta) do ouvinte. Os ouvintes não falam ao vivo e, portanto, não foi possível analisar a relação entre locutor e ouvinte. Percebeu-se um grande carisma por parte do radialista, que possui voz grave, mas suave, e procura emocionar suas ouvintes no quadro dramatizado. Infere-se que a preferência dessas ouvintes pelo quadro se dá porque nele podem encontrar (e simbolicamente realizar) histórias de amor parecidas



com as que vivem, viveram ou sonham. Morgado diz que os sonhos de amor da mulher estão hoje nos meios de comunicação.

O sonho possível para a mulher de hoje é telenovela. Nela, suas fantasias se realizam. Os Tarcísio Meira, os Fábio Júnior não conquistam e beijam as heroínas de TV, mas conquistam e beijam as mulheres do outro lado do vídeo. Não se pode perder a novela: perder o capítulo é deixar de encontrar o namorado sonhado, o beijo carinhoso, o olhar sensual (Morgado, 1987, p. 101).

Sobre programas favoritos, as entrevistadas citaram programas e rádios populares onde a participação de ouvintes é possível. No mesmo período, foi acompanhada a programação das cinco rádios mais indicadas pelas entrevistadas.

Constatou-se que a maioria das participações femininas em programas dessas emissoras resume-se a pedidos de música ou reclamações sobre problemas com serviços públicos. A procura pela rádio se dá porque as ouvintes acreditam que há mais força num pedido feito publicamente, a um locutor em quem se confia e numa rádio que parece preocupar-se com elas. As mulheres parecem buscar companhia e apoio em alguém simbolicamente forte e poderoso, por vezes próximo do mito do herói (Poletto, 2003, p. 56-194) ou mesmo assemelhando-se à figura simbólica de um marido atencioso.

Constata-se assim um simbolismo grande da relação homem-mulher no espaço radiofônico e, desta forma, o rádio insere-se no processo social de construção do gênero e da própria identidade dos ouvintes, já que o veículo “participa” do processo de identificação dos sujeitos, social e historicamente, como masculinos ou femininos (e também assim estes sujeitos constroem suas identidades de gênero²¹). É preciso lembrar, no entanto, que as inferências deste trabalho são localizadas e não se pretende contribuir para uma visão dicotômica, de oposição, entre homem e mulher, pois a intenção é problematizar, refletir sobre a questão.

²¹ Para Louro, “ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o” (1997, p. 24).



Referências bibliográficas

ALFARO, R. M. (et al.). *Mulher e rádio popular*. São Paulo: Paulinas, 1997.

BEHLAU, M. (org.) *A voz do especialista*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. pp.58-76.

BRASIL. Lei 6.615, de 16 de dezembro de 1978. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de radialista e dá outras providências.

CASTRO, R. O homem-multidão. *Revista especial dos 60 anos da Rádio MEC*. Rio de Janeiro: Fundação Roquette-Pinto, edição especial, 1996. pp.2-19.

FERRARETTO, L. A. *Rádio - o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2001.

FERREIRA, L.P. *Trabalhando a voz*. São Paulo: Summus, 1998.

HAUSMANN, M. Questão de Simetria. *Viver - mente&cérebro*, São Paulo: Ediouro, n.146, pp.40-45, maio 2005.

IVANIKE, C. R. F. *Levantamento dos hábitos vocais dos locutores radialistas da cidade de Curitiba/PR*. Curitiba, 1999. 61 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação). Coordenadoria de Pós-graduação, Universidade Tuiuti do Paraná.

KOLB, B. WHISHAW, I. Q. *Neurociência do comportamento*. São Paulo: Manole, 2002, pp.558-561.

KRAFT, U. O poder do feminino. *Viver - mente&cérebro*, São Paulo: Ediouro, 2005, n.146, pp.46-51, maio 2005.

LENT, R. *Cem bilhões de neurônios conceitos fundamentais de neurociência*. São Paulo: Atheneu, 2001, pp.512-513.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUSTOSA, U. *Um pouco da história da Rádio Clube Paranaense*. Disponível em: <www.ulustosa.trix.net/PrimordiosRádio-Capitulo3-4.htm+%22primeira+locutora%22&hl=pt-BR>. Acesso em: 8 maio 2005.

MEDEIROS, R. *Dramas no rádio*. Florianópolis, Insular, 1998.



MEDEIROS, R. VIEIRA, L. H. *História do rádio em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1999.

MORGADO, B. *A solidão da mulher casada – um estudo sobre a mulher brasileira*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

ORTRIWANO, G. S. *A informação no rádio*. 3 ed. São Paulo: Summus, 1985.

PIOVESAN, A. Rádio educativo: avaliando as experiências das décadas 60/70. In: KUNSCH, M. (org.) *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. São Paulo: Loyola/AEC do Brasil, 1986. pp.53-60.

POLETTO, T. R. *O rádio em tempos de crise – o discurso radiofônico e as relações entre locutores e ouvintes*. Curitiba, 2003. 141p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens). Coordenadoria de Pós-graduação, Universidade Tuiuti do Paraná.

RODERO, E. A. *El tono de la voz masculina y femenina en los informativos radiofónicos: un análisis comparativo*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rodero-emma-tono-voz-femenina.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2004.

RODRIGUES, I. D. *As locutoras*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/py3idr/radiocom/radio/locutora.html>>. Acesso em: 18 maio 2005.

SABBATINI, R. M. E. *Existem diferenças cerebrais entre os homens se as mulheres?* Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/n11/mente/einstein/cérebro-homens-p.html>>. Acesso em: 2 jun. 2005.

SAROLDI, L. C. *Rádio Nacional, o Brasil em sintonia*. Rio de Janeiro: Martins Fontes/Funarte/INM/Divisão de Música Popular, 1988.

TAVARES, R. C. *Histórias que o rádio não contou*. 2 ed. São Paulo: Habra, 1999.